

O IDEAL DE BELEZA NA ESCULTURA GREGA: REFLEXÕES SOBRE AS ACEPÇÕES FORMAIS CONSTRUÍDAS PELA SOCIEDADE GREGA

Adriana Clementino de Medeiros (UERJ)

RESUMO: A partir do pensamento filosófico, podemos ver o homem apregoando juízos de valores a determinadas formas de conduta dentro da sociedade, ou seja, julgar se determinada coisa é boa, ruim, agradável, desagradável, bonito, feio, etc. E entre esses vários juízos de valores podemos distinguir o juízo moral e o estético. Como nosso trabalho está baseado no juízo estético, falaremos do ideal de beleza na arte grega e das demonstrações de preocupação com a modalidade corporal e com as percepções sobre os detalhes do corpo que os artistas gregos tinham, reveladas através de uma estética da beleza que deveria ser refletida nas obras escultóricas.

Palavras-chave: arte grega; ideal de beleza; escultura clássica.

Fragmentos da história da arte grega:

Desde os primórdios da humanidade, o homem manifestava, de alguma maneira, a necessidade de se expressar, ou simplesmente de se comunicar, e usava a arte como um recurso para esse contato. A partir destes primórdios, o homem foi se acomodando em grupos e criando as bases das várias organizações sociais. E essas organizações sociais criaram suas regras, ditaram seu comportamento e conduta, que conseqüentemente, originava o surgimento de identidades sociais. Poderíamos citar várias sociedades e suas identidades culturais, mas, com base em regras que priorizavam as questões que envolviam o tema beleza, vamos encontrar no povo grego um dos maiores exemplos de influência no mundo ocidental.

As várias manifestações artísticas do povo grego alcançaram um grande desenvolvimento estilístico, refletindo as tradições e as grandes transformações que ocorreram nessa sociedade ao longo de toda antiguidade. Hoje, o que conhecemos como a arte do mundo ocidental, principalmente a europeia, deve-se, em grande parte, à cultura grega, que, nas suas mais diversas

formas e períodos, evoluiu e encantou não somente o povo grego, mas, outras tantas civilizações. Esses períodos tornaram-se conhecidos da seguinte forma:

(...) historicamente o período arcaico vai de meados do século VII a.C. até a época das Guerras Pérsicas, no século V a.C. Tem início então o período clássico, que vai até o final da Guerra do Peloponeso (século IV a.C.). Neste período, a ênfase recai, sobretudo no século V a.C. chamado século de Pericles, época em que as atividades intelectuais, artísticas e políticas manifestaram o esplendor da cultura helênica. (PROENÇA, p. 27, 1996)

No contexto da história da humanidade – espalhados em períodos de desenvolvimento -, entre tantas civilizações e sociedades, podemos encontrar na história da arte pela primeira vez, uma manifestação artística que se ligava a inteligência e ao belo. Esta arte tinha um diferencial em relação às outras civilizações, pois ocupava um lugar de grande importância na vida desse povo. Ao contrário de outras civilizações, os gregos não restringiam o desenvolvimento de sua arte a um único aspecto de suas vidas e nem aos interesses de um único grupo social, mas, transformavam sua arte em um âmbito autônomo e livre das grandes influências externas.

Como exemplo, citamos a arte egípcia, enquanto a arte desta sociedade ligava-se ao espírito, a arte grega liga-se integralmente à inteligência, uma vez que, os representantes do povo, ou seja, os grandes líderes não eram considerados deuses, mas, seres constituídos de grande inteligência e sentido de justiça, que de alguma forma se dedicavam ao bem-estar de sua sociedade buscando na política a expressão maior através do exercício da democracia.

Este tipo de conduta possibilitou-nos uma maior apreciação das manifestações do pensamento grego, pois estes se reproduziam nas artes e eram voltados para o aproveitamento da vida presente. Os gregos, além de contemplar a natureza em sua total harmonia, buscava exprimir em suas obras o entusiasmo pela vida, suas paixões e deleites, considerando a perfeição e a busca do belo como atributos essenciais que se refletiam no corpo. Com base neste pensamento, PROENÇA, 1996, complementa:

(...) dos povos da antiguidade, os que apresentavam uma produção cultural mais livre foram os gregos. Eles não se submeteram às imposições de sacerdotes ou de reis autoritários e valorizaram

especialmente as ações humanas, na certeza de que o homem era a criatura mais importante do universo. Assim, o conhecimento através da razão, esteve sempre presente acima da fé em divindades. (PROENÇA, p. 27, 1996)

A arte grega assumiu traços e características que variaram bastante ao longo do tempo. Elas mudavam de acordo com os interesses temáticos e estéticos das diversas populações gregas e foi classificada conforme os períodos a que pertencia: arcaico, clássico e helênico. Naquele momento, os deuses deram lugar aos homens como centro do universo - o antropocentrismo -, que, ao lado do racionalismo e da procura das proporções e medidas perfeitas, marcaram de forma madura as suas várias formas estilísticas.

Segundo Janson (1992), para compreendermos melhor as manifestações das artes gregas, é necessário entendermos a importância dos mitos e de sua manifestação na vida humana. A mitologia estuda a história dos deuses e suas características, os gregos representavam os deuses com forma humana e acreditavam que possuíam seus valores, virtudes e defeitos. A religião grega dava grande valor aos deuses e ao mesmo tempo aos homens, manifestando-se - principalmente - nas esculturas de forma individualista, racional e possibilitando a criação de obras que refletissem seus sentimentos internos.

(...) as esculturas gregas, assim como os edifícios, nasceram para venerar os deuses, os únicos a merecer tantos esforços. Mas os deuses gregos, contrários dos egípcios ou persas, eram concebidos a imagem e semelhança do homem, tem paixões e pensamentos humanos, e, sobretudo tem a forma humana. (CONTI pag 34, 1987)

Para completar tal pensamento e ideal, o artista grego, - em sua constante busca da perfeição -, cria uma arte de elaboração intelectual em que predominam o ritmo, o equilíbrio e a harmonia ideal. Eles tinham como características: o racionalismo; amor pela beleza e o interesse pelo homem, essa pequena criatura que é a medida de todas as coisas. Ou seja, havia para esse povo, uma preocupação na forma de pensar e retratar as ações humanas, a partir daí, passaram a

estabelecer a exploração de temáticas que singularizaram a imagem do homem nas artes, como vemos nas esculturas.

Desse modo, podemos encontrar nas esculturas o surgimento, o desenvolvimento e o reforço de um ideal artístico de traços humanísticos e estéticos, proporcionado pela busca rigorosa de perfeição das técnicas que conjugaram a reprodução de corpos com grande riqueza de detalhes.

(...) atitudes características: concentração dos interesses sobre poucas tipologias, o aperfeiçoamento dos resultados mediante as experiências sucessivas e regras fixas. Tudo isso coexiste e provoca consequências na história da arte que determinam a sobrevivência de muitos conceitos e formas desde então até hoje.
(CONTI p 5, 1987)

Assim, podemos observar a validação desses elementos estéticos na arte grega que foram pautados sobre regras pré-estabelecidas através de um ideal artístico, que se tornaram fator de forte influência dentro da história da humanidade, através de vários movimentos, como: o Renascimento, o Iluminismo, o Classicismo e o Eclétismo, que tiveram grande preocupação em resgatar e reproduzir os referenciais lançadas pelo povo grego e que, de certa forma, ainda vemos nos dias de hoje, como esse legado artístico grego se mantém influenciando o nosso presente.

A evolução da escultura grega:

Ao falarmos de esculturas da antiga Grécia o inevitável acontece. Nos perdemos em pensamentos de contemplação e admiração por uma sociedade que viveu plenamente a beleza e expressou através de magníficas obras de arte seu pensamento e amor pelo ideal de perfeição. Mas, é necessário que lembremos que, das obras originais poucas são as esculturas gregas que sobreviveram ao tempo, desaparecendo ao longo dos séculos, por vários motivos: algumas obras foram feitas com materiais preciosos (ouro e marfim) que acabaram sendo roubadas, outras feitas com bronze, tiveram suas formas derretidas para confecção de materiais bélicos e usados em batalhas, enquanto outras se perderam no decurso dos séculos devido às várias invasões e guerras que assolavam aquelas regiões. As obras que nós conhecemos hoje são provenientes de cópias romanas realizadas durante o período helenístico.

(...) cópias romanas que se revelam, ao compará-las com os poucos originais que sobreviveram de qualidade decadente. Realizadas muitas vezes em mármore, quando o original era em bronze, ou vice-versa, trazem consigo todas as adaptações necessárias a mudança de material, sendo brancas, da cor do mármore, enquanto as originais gregas estavam vivamente decoradas: negro para os cabelos e para os olhos, vermelho para os lábios, varias cores para o vestuário, até em tons contrastados de vermelho e azul nas inúmeras obras do período mais antigo. Contudo, freqüentemente sobressaem nas copias precisamente os detalhes formais mais uteis para o nosso objetivo: reconhecer o estilo. (CONTI p 32, 1987)

A arte grega – diferente das artes de outras culturas - não assumia um cunho utilitário, mesmo quando em sua origem, tenham sido produzidas pequenas obras que representavam figuras humanas e tinham como matéria prima a argila ou marfim, os gregos se sentiam livres para buscar novas regras e possibilidades de criação artística. Esse tipo de pensamento possibilitou a vivencias de novas técnicas e busca de novas formas, e no período conhecido como arcaico, criou as primeiras estátuas de pedra, quase do tamanho de um humano, estas eram pesadas e unidimensionais.

Neste período, conhecido como arcaico, o escultor cria em pedra belas estátuas de rapazes (Kouros) e de moças (Korés), evitando cortar a pedra com profundidade, o escultor representava superficialmente as feições e músculos. Naquela época os artistas deveriam fazer esculturas masculinas nuas, eretas, em rigorosa posição frontal e com peso do corpo igualmente distribuído entre as duas pernas. Estas as formas ainda continuavam refletindo a influência externa de outras culturas, pois eram esculpidas numa pose de grande rigidez e frontalidade.

Somente no período clássico é que as esculturas atingem seu apogeu e as obras passaram a ganhar maior realismo. Esse desenvolvimento da arte foi favorecido pelo fato de que, na Grécia, os artistas não estavam submetidos a convenções rígidas, pois as estátuas não tinham uma função religiosa. Proença (1996) descreve a liberdade que a escultura grega teve em seu desenvolvimento e os períodos e estilos desse desenvolvimento que influenciaram as civilizações posteriores.

(...) aproximadamente no final do século VIII a.C. os gregos começaram a esculpir em mármore, grandes figuras de homens.

Era evidente nessas esculturas a influencia do Egito, não só como fonte inspiradora, mas também da própria técnica de esculpir grandes blocos. Mas, diferente dos egípcios, o escultor grego acreditava que uma estatua que representasse um homem não deveria ser apenas semelhante a um homem, mas, também um objeto belo em si mesmo. (...) o escultor grego apreciava a simetria natural do corpo humano. Para deixar clara ao observador essa simetria, o artista esculpia figuras masculinas nuas, eretas, em rigorosa posição frontal e com o peso do corpo igualmente distribuído sobre as duas pernas. (PROENÇA, p. 28, 1996)

Nesta evolução estética e de regras de criação escultóricas, começaram a surgir atividades artísticas que levariam à criação de importantes escolas e mais tarde estabeleceriam padrões de proporções ainda empregados atualmente. As esculturas evoluíram livremente, as estátuas passaram a apresentar detalhes em todos os ângulos de vista, em vez de apenas no plano frontal e o escultor grego deixou de lado as figuras rígidas e passou a adotar as novas regras ensinadas na escola.

Proença (1996) descreve detalhes que exemplificam a compreensão do fazer escultórico, como: a escultura em vez de olhar bem para frente, o modelo tem a cabeça ligeiramente voltada para o lado, em vez de apoiar-se igualmente sobre as duas pernas, o peso do corpo descansa sobre uma delas, que assume uma posição mais afastada em relação ao eixo de simetria, e mantém o quadril um pouco mais alto.

(...) uma vez estabelecida estas premissas a mente resulta que nenhuma forma estilizada se poderá considerar satisfatória, mesmo que em si própria seja agradável. Para ser satisfatória, uma estatua deverá ter um aspecto completamente humano, sem nenhum daqueles pequenos e inevitáveis defeitos que todo ser humano possui: em suma, sem qualquer desvio da norma. É necessário eliminar tudo o que é individual, acessório, acidental: elevar-se das formas dos homens à forma da humanidade. (CONTI p 35, 1987).

Com a evolução da técnica – bronze e mármore – no período clássico, houve um maior aprimoramento na busca da beleza ideal, os artistas já pintavam suas estatuas, as figuras femininas foram libertas de suas roupas, surgiram estátuas de mulheres nuas e

consequentemente, o escultor, seguro de seu domínio das formas humanas, começou a representar todos os tipos de ação, sendo conjugado mais tarde, com a emoção. Estas representações do intelecto através dos corpos e das feições do rosto começaram a tomar conta da figura completa que geralmente apresentava um semblante calmo. Este foi uma época de crescente naturalismo nas artes gregas e de uma busca incessante da forma perfeita e bela.

A escultura grega e a estética do belo:

Quando falamos da estética do belo, acabamos nos interrogando sobre as reais definições de belo e consequentemente, apresentamos dificuldades de conceituá-la. Mesmo na filosofia da Grécia antiga já encontrávamos vários pensadores que discorriam sobre o conceito de belo, mas com ideias bem objetivas, como Sócrates, que em suas narrativas afirmava: toda beleza é difícil. Já Aristóteles, através das teorias da *Metafísica*, afirmava que as principais formas de beleza são baseadas na ordem e na simetria, e Pitágoras, associada a beleza à matemática, ou seja, os objetos com medidas vinculadas a proporção áurea pareciam mais atraentes aos olhos das pessoas que os observava.

Cotrim (2000) reafirma essa teoria como sendo uma das mais antigas e conhecidas no ocidente sobre o ideal de beleza, e que podem ser encontradas nas obras de alguns filósofos gregos, que se dedicaram à investigação do que era beleza, dividindo-se em várias questões independentes. Para uns a beleza era algo que estava objetivamente nas coisas; para outros, a beleza era apenas um juízo subjetivo, pessoal e intransferível a respeito das coisas. Como encontramos no pensamento do filósofo Platão, que considerava beleza como sendo a ideia (forma) acima de todas as outras ideias, em outras palavras, a beleza era determinada pela experiência de prazer suscitada pelas coisas belas.

(...) os filósofos idealistas, cuja tradição começa em Platão, a beleza é algo que existe em si mesma. Para o filósofo grego, a beleza seria uma forma ideal que subsistiria por si mesma, como um modelo, no mundo das idéias. E o que percebemos no mundo sensível e achamos bonito só pode ser considerado belo porque se

assemelharia à idéia de beleza que trazemos guardada em nossa alma. (...) (COTRIM, p. 19, 2000).

A partir destes pensamentos, o artista grego cria o *Cânone*, um tratado sobre as proporções do corpo humano escrito por Policleto em torno no século V a.C., este princípio ficou conhecido como marco inicial e se consolidou como tradição do classicismo grego, que adotava o homem como a medida do universo, conseqüentemente, o reflexo desse pensamento na produção de esculturas se tornou a primazia absoluta da representação do corpo humano nu de uma estética que conjugava valores idealistas e ditava um modelo de vida harmonioso, do espírito de educação integral. Baseado na cidadania e a adoção de valores cívicos, éticos, bem como estéticos, ou seja, a última delas trata-se da associação de beleza com a virtude.

Segundo Gombrich, (1999) esses modos de conceituação de beleza que eram utilizados na Grécia Antiga, acabaram se tornando conhecidos na história da arte como o belo clássico. Baseado num ideal de perfeição e elaboração intelectual, os artistas daquele período procuravam representar essas ideias em suas obras através de uma busca incessante de harmonia, equilíbrio e graça. As esculturas de figuras humanas eram representadas como se fossem reais, tão reais, que os corpos da figura do ser humano apresentavam suavidade, dignidade e força.

(...) Segundo esse pensamento, somos obrigados a admitir a existência do belo, por outro continua a afirmar a sua essência ideal, objetiva. Segundo esse pensamento, somos obrigados a admitir a existência do “belo em si” independentes das obras individuais que, na medida do possível, devem se aproximar desse ideal universal. O classicismo vai ainda mais longe, pois deduz regras para o fazer artístico a partir do belo ideal. (ARANHA E MARTINS p.369, 2004)

Neste ideal grego de beleza, observava-se uma grande valorização das medidas proporcionais, que eram os modelos de beleza ideal. Os escultores gregos eram considerados os melhores em seu ofício dentro da história da humanidade, em sua constante busca pela perfeição, tanto que ele foi buscar na mitologia o engrandecimento para seu trabalho. Utilizando imagens antropomorfas para os deuses, usavam o bronze e a pedra como matéria prima para sua grande

epifania, ajustando todos os ângulos, linhas e sombras na intenção de possibilitar a contemplação da obra por todos os ângulos que se deseja observar.

Através do juízo estético, podemos julgar se algum objeto, alguma obra, acontecimento, pessoa é algo belo. E a partir daí, podemos classificar a beleza como sendo uma experiência, individual ou coletiva, um processo cognitivo ou mental, relacionada à percepção de elementos formais - ritmo, equilíbrio e harmonia - existente na obra que agradam de maneira singular aquele que a experimenta. Para completar tal forma de beleza é necessário também, que tenhamos a compreensão que a linha e a forma são a essência da obra, ou seja [...] o estilo linear vê em linhas, o pictórico em massas. Ver de forma linear significa, então, procurar o sentido e a beleza do objeto primeiramente no contorno (WÖLFFLIN , 1996: p. 21).

Já sabemos que a escultura era uma das mais importantes expressões artísticas da cultura grega, carregada de regularidade e regras e que foi evoluindo por vários períodos - arcaico, clássico e helênico -, tendo seu ponto máximo no período clássico. Foi tão expressiva, que exerceu grande influência sobre a arte romana e outros povos do período antigo e moderno, além de tornar-se uma grande referência nos dias de hoje para toda a cultura do ocidente.

Essa evolução na técnica e no estilo levou o classicismo grego a se tornar o período mais importante de conquistas e realizações no terreno do naturalismo. A representação anatômica - linear e pictórica - chegou a um estágio de grande verossimilhança, houve um maior estudo da musculatura do tronco e membros em detrimento da face, com o intuito de manter o padrão de beleza ditado na época e suas várias formas de contemplação.

(...) quando falamos de linear e pictórico, vemos que a escultura clássica tem por objetivo os limites: não existe forma que não se expresse dentro de um motivo linear definido, nem figura da qual não possamos dizer de que ângulo ela foi concebida. Ou seja, é possível observá-la de diferentes ângulos, mas as outras vistas serão evidentemente secundárias, se comparada à vista principal. Podendo ver também, as suas superfícies calmas e as luzes e sombras subordinadas à forma plástica. (Wolfflin p.73 1996)

O padrão de beleza estava associado ao cumprimento de regras e regularidades, que possibilitavam ao autor da obra concentrar na escultura elementos que sugerissem força e

energia. Esse tipo de padrão de construção de algo que eles consideravam belo se manteve e continuou evoluindo para uma busca incessante de um ideal de beleza e perfeição artística.

Segundo Gombrich, (1999) no início do século III a.C. quando as representações artísticas foram adquirindo grande dramaticidade, o artista buscava o contraste entre o nu e o vestido, a vida e a morte, a força e a debilidade física, mas, não deixava de lado a busca da perfeição do belo. Este padrão de ideal de beleza foi tão marcante e tornou-se tão importante que virou fonte de inspiração para muitas sociedades em vários outros tempos.

(...) sentimos que a grandeza, a calma e a força majestosa da escultura grega também se devem a observância de antigas regras, embora elas então estivessem deixado de constituir tão grande obstáculo, cerceando a liberdade do artista. A velha idéia de que era importante mostrar toda a estrutura do corpo – suas principais articulações, por assim dizer, para fazer entender como o conjunto se mantinha unido e coeso – instigou o artista a continuar explorando a anatomia dos ossos e músculos, e a formar uma imagem convincente da figura humana, a qual permanece visível mesmo sob o ondulado das roupagens.(...)É esse equilíbrio entre a adesão e as regras e a liberdade de criação apesar delas que faz com que a arte grega continue tão admirada em séculos subseqüentes. E é essa razão que os artistas retornam sistematicamente às obras-primas da arte grega em busca de orientação e inspiração. (Gombrich, p. 87, 1999)

Por fim, reafirma-se que o conceito de estética na filosofia clássica refletida na arte grega, principalmente nas esculturas de homens e mulheres, era produzido de acordo com os princípios de ideal da beleza humana. Esse princípio de ideal de beleza humana se perdeu durante a Idade Média, quando o cânone estético clássico da beleza foi rejeitado por ser considerado como pecaminoso. Ou seja, somente Deus poderia ser considerado como belo e perfeito, enquanto o homem era falho pelo pecado original e não poderia alcançar nenhuma beleza em sua vida se não fosse através de Deus. Mais tarde, esse princípio de beleza foi redescoberto no Renascimento europeu, e com o pensamento humanista rejeitou-se a visão de belo da Idade Média, e a beleza foi considerada um produto da ordem racional e da harmonia das proporções, levando o homem do ocidente a uma re-adoção do que ficou conhecido como um “ideal clássico”.

Referências Bibliográficas:

- ARANHA E MARTINS, Maria Lucia Arruda e Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução a Filosofia*, Editora Moderna, São Paulo, 2004.
- BAZIN, Germain. *História da Arte*, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- BENÉVOLO, Leonardo. *História da Cidade*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1993.
- CAVALCANTI, Carlos. *História da Arte*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1970.
- COLI, Jorge. *O que é Arte*. Editora Brasiliense, São Paulo: 1994.
- CONTI, Flávio. *Como reconhecer a arte grega*, Martins Fontes, São Paulo: 1987.
- COTRIM, Gilberto - *Fundamentos Da Filosofia*, Editora Saraiva, 2000.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*, Editora Martins Fontes, São Paulo:, 2000.
- JANSON, H. W. *História da Arte*, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1992
- MACRONE, Michael. *Isso é Grego para Mim!.*: Rotterdam Editores, São Paulo: 1994.
- CHAUI, Marilena *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2002
- PAREYSON, Luigi. *Os Problemas da Estética*. Martins Fontes, São Paulo: 1997.
- PROENÇA, Graça. *História da Arte*. Editora Ática, São Paulo: 1994.
- ROBERTS, J. M..*O livro de ouro da história do mundo*, Ediouro, Rio de Janeiro, 2003